

EX FUMO DARE LUCEM: Dois recortes da representação de uma história do tabagismo no Ocidente

Arthur Emir Clifford VALENÇA¹
Thiago SOARES²
Universidade Federal de Pernambuco, PE

RESUMO

O presente artigo apresenta par de recortes de formas de representação do tabagismo e seus praticantes em momentos-chave da história do Ocidente, imbuindo o texto com algum potencial esclarecedor acerca dos temas e motivos, por vezes inconscientes, que ainda hoje permeiam o assunto. Os contextos representativos elencados são a disputa pela imposição da solenidade ritual protagonizada pelos índios tabagistas do Novo Mundo, quando de seu processo de cristianização, no contato com a Igreja Militante, e o esforço publicitário de sensualização familiar da figura da tabagista, como uma estratégia de dobrar o mercado consumidor da indústria de cigarros nos anos, nos anos 1920. O artigo apresenta, ainda, a forma como esses dois contextos narrativos ecoam, na contemporaneidade, amalgamados pelo discurso médico do dia.

PALAVRAS-CHAVE: Tabagismo; performance; história das mentalidades.

O FUMO VEM, A CHAMA FICA

*Que minha oração suba até Vós como a fumaça do incenso,
que minhas mãos, estendidas para Vós, sejam como a
oferenda da tarde
(Salmo 140, 2)*

Quais são os elementos históricos da representação do tabagista na comunicação que ainda se verificam presentes nos dias atuais? De onde vem a ideia de que a prática do fumo do tabaco seria algo errado, associado a um estilo de vida indisciplinado, ruim ou devasso? De onde vem a noção – existente em contextos sociais diferentes – de que a exercício do tabagismo seria um atestado de intelectualidade? Quando e por que o Ocidente começou a achar sensual a figura da mulher fumante, ao mesmo tempo em que passou a fazer dessa sensualidade um mecanismo de desqualificação da tabagista para a assunção de papéis sociais mais “higiênicos”, considerados “familiares”? E, por fim, em que proporção esses contextos históricos fundantes permanecem nas trocas simbólicas contemporâneas — justificadas, a nível consciente, com a moderna retórica cientificista

¹ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: arthur.clifford@gmail.com.

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e-mail: thikos@gmail.com.

—, e o quanto que as pessoas têm consciência de que muitas vezes julgam e escolhem apenas seguindo a inércia de mentalidades que se perpetuam de forma sutil e discreta nesse longo atavismo das mentalidades?

Registros históricos da representação do tabagismo e de seus praticantes em dois momentos-chave do desenvolvimento dessa prática parecem deixar marcas vultosas e aparentes ainda na socialização dos dias atuais, quando o assunto é o tabaco e a construção da identidade “pública” — ou publicada — daqueles que o consomem. Os momentos recortados para a presente análise são a relação dos católicos com o tabagismo, iniciado pelo contato dos descobridores com os índios fumantes rituais do Novo Mundo, e a virada conceitual representada pela aceitação da mulher fumante, que no período entre guerras passou bruscamente a ser aceita, por uma América protestante e moralista, como uma figura que não necessariamente seria uma prostituta. Esta virada, fruto de um golpe de marketing que visava dobrar do dia pra a noite a demanda e os lucros de um produto comercial, é vista não como uma ação no interesse da dignificação e da autonomia da mulher, mas sim como mais um casual subproduto da mentalidade industriosa do capitalismo protestante, com sua ética quase sempre aberta ao novo e às diferenças. Entre os efeitos colaterais de tal interesse nos direitos femininos *pero no mucho* parece possível verificar o fato de que representações, expectativas e trocas em sentido simbólico nefasto e descaracterizante quando o assunto é a prática do tabagismo são, ainda hoje, presentes nos nichos de socialização protestantes. (WEBER, 2004).

É entendido que esses dois momentos estabelecem entre si diálogo profícuo na medida em que representam duas possibilidades de uma mesma interação com o novo. O processo de estranhamento e assimilação, vivido pelo mundo católico, encontra sua sombra junguiana clássica no movimento de construção de narrativas e conceitos verificado no mundo do capitalismo protestante: recusa, repulsa e descaracterização, só cedendo por meio de processos tardios, hierarquizados por gênero ou classe, só no final chegando às mulheres, mas, em todo caso, demorando no traslado tempo o suficiente para deixar vivo um atavismo da repulsa ao tabagismo, sobretudo o tabagismo feminino.

Há, ainda, um terceiro eixo de conceituação que parece amalgamar – no altar narrativo da moderna hipocondria nossa de cada dia – os dois processos comunicativos por que o Ocidente passou, para dizer e representar o tabagista: o discurso médico dos dias atuais. Embora apresentado para comunicação oficial como sendo discurso científico em estado puro, evocado sempre desde o velho ar de seriedade a Buster Keaton, o quadro simbólico que compõe o referido lugar discursivo não raro apresenta vestígios de um dos

dois moralismos (o católico ou o protestante, em si mesmos nada científicos) que se fizeram presentes nos batismos que o Ocidente deu ao fumo, desde que passou a interagir com ele. O presente quadro conceitual instiga a reflexão, permeada pelo estudo da comunicação, sobre os limites dos modernos discursos oficiais dogmatizantes quanto ao tema, que são apresentados como puramente científicos, mas que, à luz da história da comunicação de tais fatos, deixam vestígios de algo mais. E, como diz o ditado, onde há fumaça, há sempre um fumante sendo chamado de herege ou de puta.

É HERESIA. PODE QUEIMAR

*A Jesuit was asked whether it was licit to smoke a cigar while praying, and his answer was an unequivocal “no”. However, the subtle Jesuit quickly added that, while it was not licit to smoke a cigar while praying, it was perfectly licit to pray while smoking a cigar.
(St. Holger’s Cigar Club)³*

Analisando os vestígios narrativos deixados pelo contato inicial do europeu com o tabaco, é verificada uma troca simbólica permeada por estranhamento e repulsa, mas que desde o início apontava pontos sutis de convergência, ao menos nos significados transcendentais atribuídos aos mesmos signos (MAINGUENEAU, 2013). A saber, a fumaça e o fumo ofereciam a cristãos e xamãs conteúdo significativo análogo: o intangível e rarefeito, evanescente e fugidio, impalpável por natureza, presente e ausente, visível, mas sem forma, e, finalmente, o que é leve e se ergue aos céus, se abrindo ao invisível. Esses aspectos – que oferecem uma interação corporal universal a todo humano sobre a terra, porquanto fala aos sentidos e à fisiologia, antes de falar a aspectos mais heterogêneos como a cultura ou o idioma –, eles constituem percepção universal do homem sobre tais elementos significadores, ao mesmo tempo em que o permite, em diferentes contextos, estabelecer com a fumaça uma narrativa que a toma por instrumento-mor da primária comunicação da noção de transcendência, esta mesma sendo algo tão presente no cotidiano e tão indizível, tão percebida e tão invisível, ela mesma, também, presente em todas as civilizações. Consonante Jean Chevalier, em seu extenso *Diccionario de los Símbolos*,

³ 3 “Certa feita, perguntaram a um Jesuíta se era lícito fumar um charuto enquanto se reza, e a resposta foi um inequívoco ‘Não’. No entanto, o sutil Jesuíta logo acrescentou que, embora não seja lícito fumar um charuto enquanto se reza, é perfeitamente lícito rezar enquanto se fuma um charuto”. (tradução nossa).

El humo es la imagen de las relaciones entre la tierra y el cielo, ya sea que, como el humo de los sacrificios o el humo del incienso, eleve hacia Dios la oración y el homenaje. La significación esencial del hecho de fumar es la de una ofrenda ritual o una súplica. Poner la vida en armonía con la de la naturaleza entera es lo que significa en esencia el humo sagrado que sale de la pipa, cuya cazoleta es un altar y cuyo tubo es el conducto del soplo vital. Los pieles rojas ofrecen sus primeras bocanadas al gran Wah-Konda, o Señor de la Vida, al Sol, a la Tierra y al Agua. (CHEVALIER, 1986. p. 585)⁴

Então, eis que a oferenda que era queimada pelos índios apresentava uma relação de analogia discursiva com o incenso queimado no altar católico e mesmo com as oferendas do judaísmo ancestral. O terreno em que se deu a disputa quanto aos ritos não foi o da atribuição de sentidos ou o da confirmação das crenças, visto que em última instância a fumaça era, dos dois lados, significante-mor do espírito e do mistério, da única coisa que permanece quando tudo o mais se consome. O terreno em que seu deu a disputa entre a regulação da Igreja e as práticas dos índios, mesmo depois de cristianizados, foi o da solenidade comunicativa (GRUZINSKI, 1988). A queima da oferenda não poderia perder a pureza, a solenidade, passando pelo homem antes de subir em oferta aos céus. O Espírito não poderia ser manejado e inalado pelo homem. E, se poderia, não era O Espírito, mas, “espírito”: uma possessão demoníaca. Que índios simpáticos eventualmente ficassem chapados demais com o tabaco puro e sem conservantes da época, ficando assim não exatamente de posse de uma personalidade contínua, isto foi uma fatalidade químico-sociológica que mais tarde viria colocar mais lenha na fogueira da repulsa e da demonização simbólicas atribuídas ao tabagismo, bem como na fogueira da Inquisição. (SOUZA, 2009).

O processo comunicativo e significante que se seguiu foi de todo uma disputa por espaços de pureza e solenidade narrativas. E talvez seja só na análise da história à luz da comunicação que se tenha mais patente o fato de que a cristianização dos infiéis não se deu de forma homogênea e avassaladora, maciça e total. A cristianização, antes, apresenta ares de ter sido um processo que carregou em si mesmo os elementos de um sincretismo em todo viabilizado pelos lugares discursivos – visto que ritos são discursos –, pelos elementos

⁴ A fumaça é a imagem das relações entre terra e céu, seja na forma da fumaça dos sacrificios ou na fumaça do incenso, elevando a Deus a oração e a homenagem. A significação essencial do ato de fumar é a de uma oferenda ritual ou de uma súplica. Colocar a própria vida em harmonia com a vida da natureza inteira é o que significa, em essência, o fumo sagrado que sai do cachimbo, cujo forninho é o altar e cujo tubo é o condutor do sopro vital os peles vermelhas oferecem seus primeiros tragos ao grande Wha- Konda, o Senhor da Vida; ao Sol, à Terra e à Água. (tradução nossa).

narrativos que eram patrimonizados pela tradição indígena e que eram capazes de dizer, com igual nível de fidedignidade e resolubilidade, a experiência humana sobre a transcendência. Conforme apresentado por Buescher,

At the time just after Spanish explorers were introduced to tobacco by way of Columbus' voyages, smoking or snuffing it — as the New World natives did — carried with it something of an air of devilry because natives saw in it a connection to invisible spirits. To some of the most earnest missionary clergy, the wreaths of its smoke and its action upon the spirits of those who imbibed it were a kind of sacramental parody of the Church's sacraments, established in the New World beforehand by the Devil in order to hinder its evangelization.

By 1575, provincial synods in the New World already had to address the fact that Indians, converting to Catholicism, had brought the practice of smoking into churches during the liturgy—tobacco smoke, in their traditions, evoked the spirits. They offered its smoke as incense, or mixed into other incense. Mexican ecclesiastical authorities forbade smoking in church in the Americas.

Church authorities in Mexico and Peru set ecclesiastical discipline for New Spain and other parts of America. In 1583, a synod in Lima declared, "It is forbidden under penalty of eternal damnation for priests, about to administer the sacraments, either to take the smoke of *sayri*, or tobacco, into the mouth, or the powder of tobacco into the nose, even under the guise of medicine, before the service of the mass." In 1588, the college of cardinals in Rome approved the prohibition as it applied to the Spanish colonies in America. (The practice returned the 1980s, among some American Indian Catholics, with burning tobacco and sweetgrass before Mass as their way of blending Native American beliefs and Catholic liturgy)⁵. (BUESCHER, 2012).

⁵ Logo depois de os desbravadores espanhóis terem sido apresentados ao tabaco nas viagens de Colombo, o ato de fumar ou inalar a especiaria – tal qual faziam os nativos – carregava em si certa aura diabólica, visto que os nativos enxergavam na prática uma conexão com espíritos invisíveis. Para os prelados mais zelosos, as nuvens de fumaça e os efeitos que ela causava nos espíritos dos que a inalavam era como que um sacro sucedâneo dos sacramentos da Igreja, estabelecido no Novo Mundo pelo próprio Demônio, de modo a dificultar o processo de evangelização.

Já no ano de 1575, sínodos provinciais realizados no Novo Mundo tiveram que lidar com o fato de que os índios, tendo-se convertido ao catolicismo, haviam trazido a prática do fumo para dentro das igrejas, durante as liturgias – fumar o tabaco, em suas tradições, evocava os espíritos. Eles soltavam a fumaça oferecendo-a como incenso, ou misturando-a à fumaça de outro incenso. As autoridades eclesiásticas mexicanas, então, proibiram o fumo nas Américas.

As autoridades da Igreja no México e no Peru impuseram a disciplina eclesiástica na Nova Espanha e em outras partes da América. Em 1583, um sínodo realizado em Lima declarou que "Fica proibido, sob a pena de danação eterna para os padres que estejam prestes a administrar os sacramentos, seja puxar a fumaça de

Mas a mesma relação com a fé, que em momento inicial foi conflituosa, demonizante e castradora, logo passou por um processo de trocas simbólicas e aproximações de linguagens que permeou a capilaridade da prática do tabagismo mesmo no seio da Santa Madre Igreja e em todo o Ocidente da Idade Moderna, chegando, nas eras seguintes, a constituir uma indústria, a se espalhar pelos ventos, a repercutir *urbi et orbi*.

But the issue did not confine itself to the Americas. The use of tobacco — smoking, snuffing, and chewing — was very quickly spreading across the Old World too. And spreading among both laity and clergy. The matter was confusing: There was no shortage of people who abhorred the use of tobacco as unhealthy, dirty, addicting, and even sinful; but there were also many people who pointed to its benefits, its calming effects, the large and small pleasures in its use, its capacity to foster sociability (perhaps to a hoped-for peace of nations, an international brotherhood of smoke), and even (in the case of nasal snuff) its medical efficacy as a way to clear the sinuses by inducing a cephalic purge⁶.
(BUESCHER, 2012).

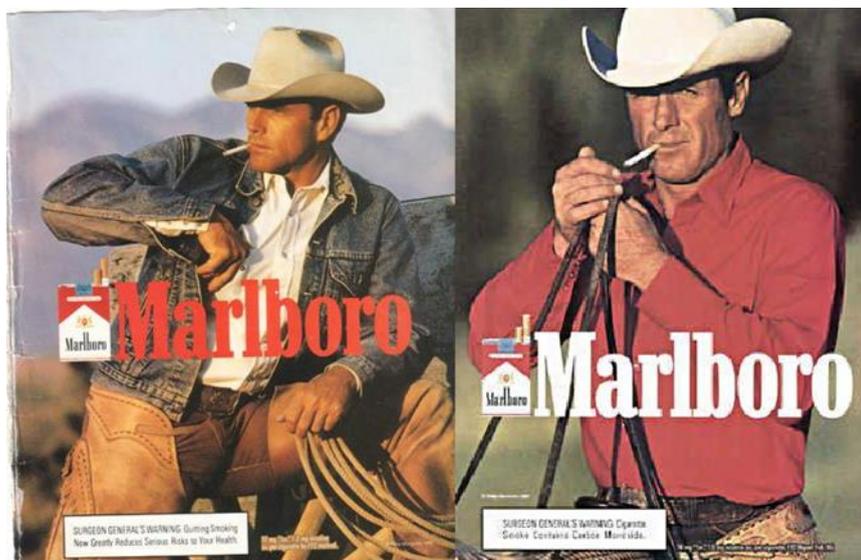
A passagem traz à luz um eixo de visualização de época sobre o tabagismo que talvez seja ainda hoje o mais presente na representação pública que se faz sobre a prática e que por vezes parece também impregnar o discurso médico com algo mais do que a pura e límpida metodologia científica: o eixo da *higiene*, ou – antes – o da *impressão primária* de higiene. Enquanto que sensações a respeito do nível de higiene representado pelo ato de fumar podem variar, de acordo com o ponto de vista (se ativo ou passivo), essa dualidade de impressões, iniciada já à aurora da Idade Moderna, atravessou três séculos e ditou os termos da disputa

sayri ou tabaco pra dentro da boca, seja puxar o pó do tabaco para dentro do nariz, mesmo que à guisa medicinal, antes do ofício da missa. Em 1588, o colegiado de cardeais aprovou a proibição para as colônias espanholas na América. (A prática retornaria em 1980, algumas tribos de ameríndios católicos, com a queima de tabaco e erva-doce antes da missa sendo seu modo de sincretizar as crenças dos nativos americanos com a liturgia católica). (tradução nossa).

⁶ Mas o problema não ficou confinado às Américas. O uso do tabaco – para fumar, inalar ou mastigar – foi muito rápido ao se espalhar também pelo Velho Mundo, e tanto entre leigos quanto entre o clero. O tema era confuso: não eram poucos os que abominavam o uso do tabaco, como sendo algo nada saudável, sujo, viciante e mesmo pecaminoso; mas também havia muitos que apontavam os benefícios da prática, seus efeitos calmantes, seus grandes e pequenos prazeres, sua capacidade de fomentar a sociabilidade (talvez até mesmo de fomentar uma tão esperada paz mundial, através de algo como uma irmandade internacional do fumo) e até mesmo (no caso da inalação nasal) sua eficácia médica na desobstrução das vias aéreas, pela indução da limpeza cefálica. (tradução nossa).

na comunicação do cigarro como produto comercial que veio a pervadir o século XX. Se o anti-higiênico é praticamente o contrário do *sexy*, ninguém, a priori, quereria ser visto a fumar. Daí que um circuito produtivo capitalizado por eras em que a noção de higiene era mais elástica pôde, cedo, investir na sensualização de seu produto como estratégia de combate comunicativo ao comentário ancestral em torno do nojo natural que a prática pode despertar em alguns.

Do outro lado da moderna disputa, aparece o esforço médico de dizer e colocar sua narrativa, no Brasil representado pelo programa do Ministério da Saúde, erigido em lei desde 1996. É notável que as imagens que desde então são de impressão obrigatória nos maços de cigarros sub-comunicam menos sobre saúde do que sobre erotismo. Fazer um contraponto à propaganda massiva da indústria do cigarro significa dizer que ela mente. Observe-se que muito das propagandas oficiais apela ainda ao medo da solidão sensual. A disputa, então, se dá não entre os legítimos discursos *É saudável X Não é saudável*, nem mesmo entre *É inócuo X É nocivo*. Não. A moderna disputa da comunicação tem muito do atavismo de uma Europa desbravadora na medida em que a demonização inicial é atenuada na sensualidade do *bad boy* doméstico, enquanto que permanece vivo o secular conflito de impressões irrefletidas quanto à higiene da prática. A moderna disputa da sub-comunicação publicitária, hoje, é protagonizada, isso sim, pelos discursos *Você vai ficar sexy fazendo isso, vai transar mais X Você não vai ficar nada sexy fazendo isso, vai transar cada vez menos*. E este foi o principal legado conceitual e “preconceitual” deixado pelo catolicismo militante na prática do tabagismo.



(Propagandas de Marlboro, desde a década de 1970)



(Publicidade oficial do Ministério da Saúde impressa nos maços desde 1996)

Mas, se chegamos a isso, aos trancos e barrancos, é porque o tabagismo, então, sobreviveu. No mundo católico, foi inserido em lugares de moralidade e respeitabilidade, foi apropriado, do ponto de vista da Igreja, e chegou até a sustentar agricultores jesuítas por mais de um século, os quais aperfeiçoaram o plantio e a seleção do tabaco. Parte desse cenário talvez tenha legado à nossa memória ancestral a figura *glamourizada* do intelectual tabagista, o que em si mesmo pode ser tema de

investigação subjacente. Mas o fato foi que, na disputa pelo lugar de solenidade, ou de solenização, venceu o ponto de vista indígena. A prática do tabagismo foi recusada, abafada e demonizada, mas de alguma forma conseguiu se imiscuir por todas as brechas da moralidade católica. E, se o fez, foi porque carregava em si aquilo a ritualidade indígena tinha de universalizável, de capaz de dar forma e voz à experiência humana desde um lugar tão apurado quanto o da fé em Cristo. Como apontado pelo filósofo Olavo de Carvalho,

Língua, religião e alta cultura são os únicos componentes de uma nação que podem sobreviver quando ela chega ao término da sua duração histórica. São os valores universais, que, por servirem a toda a humanidade

e não somente ao povo em que se originaram, justificam que ele seja lembrado e admirado por outros povos. A economia e as instituições são apenas o suporte, local e temporário, de que a nação se utiliza para seguir vivendo enquanto gera os símbolos nos quais sua imagem permanecerá quando ela própria já não existir. (CARVALHO, 2003).



(Eduard von Grützner: Padre cachimbeiro)

RAPARIGAS VINTAGE, SIM, PORÉM DE FAMÍLIA

A prosaica década de 1920 legou à representação do tabagista na comunicação ocidental uma virada que foi crucial para o contexto de socialização que atualmente permeia as trocas simbólicas de gênero relacionadas ao tema. Ao começo dos *roaring twenties*, a sociedade americana, maciçamente moralista, ainda carregava o cigarro apenas nas mãos masculinas, como cetro confirmador de uma autoridade patriarcal, símbolo fálico por natureza, e símbolo-mor de uma rusticidade *fashion* a participar da identidade do homem do campo, o vaqueiro texano, o vagabundo guerreiro de um *Old West* que já àquele tempo subsistia apenas naquilo que sobra das épocas violentas quando elas estão a uma distância segura e higiênica: sua comunicação ufanista, sua memória, seus símbolos e seus

próprios fetiches dignificantes, estes podendo ser reaproveitados pelos séculos dos séculos. No mundo feminino, por outro lado, o tabagismo era um tabu. Ou ao menos o era no mundo feminino que compunha a imagem oficial da mulher: pacata e doméstica, inteligente, até. Mas sem ser genial. O privilégio da liberdade de fumar ficava restrito, mas não valorizado, a apenas certo tipo de mulherzinha. Elas eram privilegiadas pela liberdade dos desprestigiados. Quando a sociedade já não espera nada de um grupo social, ela já não mais o compra nem vende, já não mais corrompe sua identidade, já não mais o prostitui. Este grupo era o das putas de esquina, as descabaretizadas, as mais baratas de todas, aquelas que viviam dos serviços prestados a estivadores e soldados de folga, que cobravam o suficiente para custear a subsistência fisiológica mais primária.

Já entre as vulgívas de luxo – fiéis servidoras da alta sociedade do entre guerras, elas que eram válvulas de escape oficiais de uma plêiade de intenções de putaria privada até então bem recalcadas pelo leito da família tradicional de uma nação protestante –, para elas não era de bom tom a prática do tabagismo. Fumavam. Mas não com a liberdade e o desapego de que desfrutavam as que atuavam em estrato menos requintado e exigente da masculinidade patriarcal protestante. Estas mulheres se inseriam numa indústria do prazer requintado que desvirginava os mancebos donzelos, herdeiros de uma burguesia em ascensão meteórica do pós-guerra, e que começava a ver suas liberdades, suas possibilidades de lazer e atuação, se multiplicando a perder de vista. Tudo indicava que aquele modo de vida seria o centro irradiador a estabelecer os padrões normativos e as expectativas para todo o mundo. Só que não há meio mais seguro de provincianizar um povo do que convencê-lo de que ele é o centro do mundo.

Para as mulheres de família, por sua vez, a prática era pura e simplesmente tida como impensável, proscria do quadro de possibilidades tanto quanto o seria, para a mentalidade da mesma época, o ato de mulheres usarem cuecas, serem obrigadas a se alistar aos 18 anos ou presidirem um país (HAMILTON, 2018).

Mas eis que tudo começou a mudar com o súbito aumento das capacidades produtivas que o fim da Primeira Guerra Mundial legou à indústria americana. A inovação estava a todo o vapor, os capitais estavam chegando em ritmo avassalador, à medida em que a Europa se reconstruía e pagava ao Tio Sam as dívidas feitas durante o conflito. Enquanto que dinheiro parado gera inflação e crise, produção sem demanda gera o tipo de crise de excesso de oferta de bens que de fato veio a estourar em 1929 (MISES, 2016). Mas até lá, o esforço industrial de abastecer seu potencial produtivo com demandas igualmente crescentes colocou a quase totalidade dos setores dos Estados Unidos a pensar estratégias

de marketing inovadoras, que aumentassem as vendas violentamente. Nesse contexto, o pensamento básico era o de romper barreiras como as gênero e idade que pudessem ainda fazer parte do consumo de determinados produtos. E foi aqui que entrou o publicitário Edward Bernays.

Como romper os padrões de gênero quanto ao consumo de qualquer bem significa dobrar as vendas, a ideia do funcionário da Marlboro foi simples: fazer um esforço de engenharia comportamental, através da mídia, para estimular o fumo feminino. Munir o tabagismo feminino com um discurso lisonjeiro e que logo ficou popular não foi difícil. O publicitário apelou ao secular mito fundador americano (o que não significa mentira) da luta pela liberdade. *The land of the free and the home of the brave* não poderia ser mais responsiva ao apelo midiático do que o foi quando daquele aniversário da vitória americana na I Guerra, em 1922. Bernay arregimentou mulheres que fumariam livremente na Liberty Island e arregimentou jornalistas que manchetearam *Mulheres americanas acendem as tochas da Liberdade*. A quebra de tabus estava lançada.

Mas as mulheres também não eram quaisquer umas. Não eram putas. Não eram descasadas, desquitadas, loucas, não eram sequer damas de reputação minimamente duvidosa. Não eram nem mesmo pobres. As escolhidas a dedo foram jovens filhas da alta burguesia da cidade. Mesmo os colunistas ou donos de jornais que, numa sociedade ainda altamente moralista e patriarcal, tiveram duras críticas a fazer sobre as meninas, não puderam publicar tais críticas, porque não se poderia pôr em dúvida a dignidade ou a boa procedência das filhas de seus maiores anunciantes. As mulheres americanas, então, acenderam os bolsos da Liberdade (HAMILTON, 2018).



O que fica claro em todo o contexto é o fato de que a disputa de lugares narrativos, já por ter sido viabilizada desde a articulação de um esforço de sub-comunicação com um esforço de emudecimento, acabou por não legar à mulher, no seio daquela sociedade impregnada do velho moralismo protestante, a conquista de um direito pleno, com autonomia e transparência no debate público. Se tivesse sido aberto o debate público sobre o tema, as vendas demorariam a aumentar, mas fica difícil pensar que alguma repulsa ou algum preconceito patriarcal, tivessem sido recalcados ao inconsciente coletivo local. O recalque foi o efeito colateral do processo, verificado mais tarde na construção das propagandas voltadas às livres mulheres tabagistas, mas, como dizia Freud, o passado rejeitado sempre volta com redobrada força (FREUD, 2012).

A figura da mulher fumante, então, passou a ser aceita como um fato dado, como quando aceitamos uma doença ou a guerra. Mas em nada perdeu a objetificação que já pervadia a mentalidade daquele momento histórico. E as propagandas de cigarro já numa época depois da popularização do tabagismo feminino mostram isso. Não são mulheres independentes e resolvidas fumando a relaxar ao fim dia. Quando sensuais, não são *femme fatales* de beleza solitária. Não. São outras tantas putas, ninfetas sensuais, sub-comunicando dependência e portanto sexo fácil. E, quando não sensuais, por breve momento, chegaram a ser, nos anos 1950, promessas de emagrecimento, promessas, então, de que você vai conseguir se fazer um objeto sensual desejável.



(Propaganda da Lucky Strike, nos anos 1930, voltada ao público feminino)



(Propaganda da Lucky Strike, nos anos 1950, voltada ao público feminino)

FUMANDO A FÊNIX PÓS-MODERNA

Fica claro que o moderno apelo narrativo quando o tema é o tabagismo faz uso de uma comunicação que em muito ecoa aspectos ancestrais e já tornados inconscientes, completamente ignorados da prática diária. Mesmo o discurso médico se insere, ao menos em parte, nesse contexto, na medida em que sente dificuldades de impor um comportamento hegemônico e percebe o apelo à saúde e à retórica racional cada vez menos eficiente para atacar o problema. O discurso médico passa a se transformar, ele mesmo, num mantenedor dos velhos preconceitos produzidos em contexto de embate narrativo teológico, no mundo católico, e incrementado pelos embates das contradições internas do capitalismo protestante americano. Nesse contexto, mais do que nunca é relevante o chamamento público a um lugar de rever contextos e impressões quando o assunto é a conceituação valorativa atribuída aos tabagistas.

Os lastros justificadores das dúvidas quanto à moralidade do tabagista se perdem em contextos históricos que só têm a força porque foram recalçados ao inconsciente coletivo pelo tempo e pela ação difusa de interesses desconjuntados. Trazer tais

elementos à consciência pública coopera com o esforço de cidadania numa modernidade tão balizada por discursos de tolerância e inclusão. Enquanto que o discurso médico mais uma vez perde força dogmática, num renovado debate sobre saúde pura e simples (e.g. DOUGLASS, 2004), o esforço de erradicar a prática do fumo ou de lhe impor procedimentos que a tornem inócua à saúde precisa cada vez mais deixar de apelar aos velhos preconceitos e passar a se firmar numa base de esclarecimento e autoconhecimento coletivos,

pois o mundo moderno não aceitará nenhum dogma sob qualquer autoridade; mas aceitará qualquer dogma sob nenhuma autoridade. Diga que uma coisa é assim, de acordo com o Papa ou a Bíblia, e ela será descartada como uma superstição sem ser examinada. Mas comece sua ideia com 'eles dizem' ou 'você não sabia que?' ou tente (e não consiga) lembrar o nome de algum professor citado em algum jornal, e o racionalismo afiado do mundo moderno aceitará cada palavra que você disser (CHESTERTON, 2011. p. 158).

Mitigar tais cacoetes mentais tão comuns à era da hiperinformatividade é o gesto de altivez e boa vontade que se apresenta como central na prática do analista de comunicação e do comunicador social, mesmo que – ou principalmente se – inserido no contexto da publicidade.

REFERÊNCIAS

- BUESCHER, John B. **In the Habit: A History of Catholicism and Tobacco**, 2012. Disponível em: <<http://www.catholicworldreport.com/2012/11/23/in-the-habit-a-history-of-catholicism-and-tobacco/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- CARVALHO, Olavo de. **O orgulho do fracasso**, 2003. Disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/o-orgulho-do-fracasso/>>. Acesso em 22 nov
2018. CHESTERTON, G. K. **Hereges**. São Paulo: Editora Ecclesiae, 2011.
- CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- DOUGLASS, William Campbell. **The Health Benefits of Tobacco**. 2. ed. Houston: Douglass Family Publishing, 2004.
- FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.
- GRUZINSKI, Serge. **La colonisation de l’imaginaire: Sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol, XVIe-XVIIIe siècle**. Paris: Gallimard, 1988.
- HAMILTON, E. L. **Before the Marlboro Man Came to life in the 1950s, the cigarette was advertised with the slogan “Mild as May”, in effort to target ladies**, 2018. Disponível em <<https://www.thevintagenews.com/2018/03/02/marlboro-man/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2013.
- MISES, Ludwig von. **A Ação Humana**. 3ª ed. São Paulo: Instituto Von Mises Brasil, 2016.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.